

## CAPÍTULO 4

---

### ADEUS, HOMEM GLACIAL. OLÁ, CLÓVIS.

Em meados do século XIX na Europa, a investigação científica sobre o passado estava demolindo grande parte do que as pessoas acreditavam ser os alicerces da civilização europeia. Especialmente na Inglaterra, a interpretação da Bíblia, a linhagem da humanidade, e até mesmo o nosso lugar na natureza estavam sendo postos em questão. Havia quem achasse que o simples fato de tais questões estarem sendo discutidas era deplorável, tanto do ponto de vista intelectual quanto emocional.

Para nós, hoje, é quase impossível entender a que ponto isso era chocante naqueles dias. Na era vitoriana, as classes alta e média estavam a par das atividades científicas num grau capaz de dar inveja aos americanos de nossos dias, e as implicações das descobertas da ciência eram bem claras e serviam de tema para amplos debates. Nas décadas anteriores, os fiéis tinham tido que lidar com a noção de que Deus criara animais que tinham fracassado e desaparecido — isto é, que partes da Criação não eram perfeitas. Depois, surgiu o problema de que o mundo era na verdade muito mais antigo do que o Gênese aparentemente indicava. O referido texto da Bíblia teve de ser visto, dali em diante, como uma maneira poética de dizer que Deus precisara de seis épocas distintas até cerca de 4000 a.C, incluindo o Pleistoceno, para preparar sua criação suprema, o Homem.



Em 1859, graças a um arqueólogo amador e funcionário da Alfândega de Abbeville, Jacques Boucher de Crèvecœur de Perthes, e a algumas de suas descobertas no rio Somme, ficou evidente que o ser humano era mais antigo do que a Bíblia indicava — na verdade, tratava-se de uma criatura da Era do Gelo. Não se tinha então uma ideia definida do que isso significava, visto que, no século XIX, qualquer cálculo de tempo com relação ao Pleistoceno era mera especulação. Mas, de qualquer forma, o que estava em foco era uma época datada de mais de 6 mil anos atrás.

A partir de 1837, Boucher começou a explorar o cascalho ao longo do canal do Somme e veio a encontrar lascas associadas a ossos de animais já extintos. Um ano depois, colocou em exibição em Abbeville e Paris o material que coletara, e depois de três anos publicou um livro, *De La Création*, um título talvez um tanto ambicioso. A obra foi recebida com indiferença, mas Boucher, sem desanimar, continuou a recolher as lascas. Escreveu depois outro volume no qual qualificou suas descobertas de *antediluvianas*, e dessa vez o público não só reagiu com frieza, mas também com sarcasmo. No entanto, em meados de 1850, dois outros pesquisadores encontraram em Amiens e Saint Acheul o que, a seu ver, eram evidências corroboradoras, e isso fez os geólogos franceses levarem Boucher mais a sério.

Na Inglaterra, a começar do final dos anos 1820, com as escavações do padre MacEnery, outros investigadores encontraram associações semelhantes de artefatos de pedra e restos de animais extintos, como mamutes e rinocerontes peludos. Por outro lado, conforme já mencionamos, a estratigrafia das cavernas era considerada pela maioria dos geólogos impossível de classificar. Um dos investigadores, por exemplo, tinha encontrado ossos de mamute associados a implementos que afinal revelaram ser da época de Júlio César. Por isso, tais descobertas foram postas de lado como indignas de confiança.

No entanto, em 1858 foram detectadas algumas fissuras nas rochas de uma caverna localizada no Windmill Hill, um monte que dá para a cidade costeira de Brixham, em Devonshire. As fissuras mostravam que aquela era uma caverna cuja estratigrafia não tinha sido desarranjada. Não de-

morou muito e foi formada uma comissão de renomados geólogos para orientar os trabalhos de escavação a cargo de um geólogo local, William Pengelly. O resultado valeu a pena: no verão seguinte, em 1859, foram encontradas ferramentas de pedra por baixo de uma camada espessa de estalagmite na qual repousavam restos de “leões, hienas, ursos, mamutes, rinocerontes e renas”. Não havia, portanto, mais dúvida: homens tinham vivido entre animais considerados como típicos da Idade do Gelo.

Aconteceu que no verão de 1858 um dos membros da comissão, um geólogo chamado William Falconer, encontrava-se perto de Abbeville e aproveitou para dar uma olhada nas descobertas de Boucher. Ele concluiu que tanto o material quanto as conclusões eram válidos. De regresso a Londres, recomendou aos seus colegas da comissão de Brixham que também fossem dar uma olhada. Em 1859, foi o que eles fizeram, e acabaram dando razão a Boucher. Isso introduziu uma novidade nos estudos de arqueologia: a visita ao sítio por um grupo de figuras destacadas do ramo (ou seja, conforme um gozador americano chamaria mais tarde, a “paleopolícia”). Naquele mesmo ano, membros da comissão de Brixham participantes de assembleias científicas apresentaram artigos científicos sobre a antiguidade da Humanidade “nesta parte do globo”, e, posteriormente, o árbitro por excelência, Charles Llyell, em discurso presidencial numa sessão da Royal Society, anunciou que estava “plenamente preparado para corroborar as conclusões” dos seus colegas.

Isso deveria ser suficiente para contentar as pessoas que permaneciam relutantes. De qualquer forma, Boucher continuou imperturbavelmente com os seus esforços exploratórios, e em 1863 achou no cascalho do Somme uma mandíbula humana inteira e alguns dentes inegavelmente associados a ferramentas de pedra lascada.

Em 1908, a cidade de Abbeville ergueu uma estátua em homenagem ao infatigável e famoso pesquisador. No entanto, muito antes, já em 1859, o abismo entre o mundo da Antiguidade e o momento da criação do homem, tal como calculado pelo bispo Usher, tinha sido eliminado.

Para aqueles que ainda acreditavam na interpretação literal dos sete dias mencionados no livro do Gênesis, ou pelo menos, na verdade poéti-



ca do texto, a situação piorou com a publicação da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin. Esse livro, que se situa como um marco na história da ciência, colocou o mundo de cabeça para baixo ao anunciar que as espécies animais tinham sido criadas por causas naturais. É difícil imaginar um choque intelectual de tamanho impacto acontecendo nos dias de hoje. Só se fosse demonstrado aos físicos modernos, por exemplo, que a energia não existe.

As coisas viriam a piorar ainda mais para alguns. Embora Darwin não tivesse se estendido muito sobre esse ponto no livro *A origem das espécies*, logo ficou claro que ele e outros pensadores evolucionistas subentendiam que o homem descendia do macaco (isso não é aceito hoje em dia; o que se acredita é que o homem e o macaco tiveram um antepassado comum).

Nos quatro anos seguintes ao aparecimento da obra de Darwin, numerosos outros escritores exploraram as mesmas ideias. Thomas Huxley, um eminente estudioso da Natureza, abordou insistentemente o tema do macaco, e em 1863 o gigante da geologia, Charles Lyell, publicou *Geological Evidences for the Antiquity of Man*, que pôs o ponto final nas dúvidas sobre a coexistência de seres humanos com os mamutes. E esse Homem da Idade do Gelo — bastante primitivo a julgar por suas toscas ferramentas de pedra — foi considerado antepassado direto do europeu moderno, não uma raça que houvesse sido completamente, e confortavelmente, separada dos europeus por alguma catástrofe, como um dilúvio mundial. Não foi somente isso: pouco antes da divulgação das importantes ideias de Darwin, entrara em cena o corpulento, curvado e cabeçudo Homem de Neandertal, cujos restos haviam sido recuperados numa pedreira na Alemanha, em 1857.

O Homem de Neandertal, na opinião um tanto preconceituosa de um observador continental da época, ou era um consumado idiota ou um russo. Outros o consideravam uma criatura embrutecida situada na escala evolucionária que leva do macaco ao homem. Não demorou muito, e o achado de novos restos confirmou para a maioria dos observadores que o Homem de Neandertal era realmente bastante antigo, mas não tão bruto quanto se poderia pensar, e representava um elo na cadeia da



Imagem reconstruída de um Homem de Neandertal, enfatizando o aspecto moderno da espécie.

evolução bastante próximo de nós. (É digno de nota que atualmente, apesar de toda a tecnologia e os recursos existentes para o exame desses restos, não seja possível dizer com certeza se a subespécie humana chamada *Homo sapiens neanderthalensis* — que habitou a Europa e o Oriente Próximo 100 mil ou 25 mil anos atrás — desapareceu em consequência de sua competição com o Homem de Cro-Magnon — o *Homo sapiens sapiens* — ou se acasalou com esses mais recentes e brilhantes rivais e foi engolido pelo nosso reservatório genético.)

De qualquer forma, a maioria dos cientistas europeus da época — geólogos, paleontólogos, arqueólogos e antropólogos — passou a admitir não somente que os seres humanos tinham evoluído biologicamente durante um longo período de tempo desde os antepassados simiescos até sua presente e *magnífica* condição — mas que as culturas humanas tinham também evoluído de modo gradual e inevitável — desde a etapa inicial selvagem até o pináculo das realizações humanas: a civilização europeia, e, em particular, sua incomparável versão inglesa vitoriana. Em outras palavras, tinha havido uma evolução tanto biológica quanto cultural. E todas essas disciplinas, frustrantes para os crentes religiosos, ti-



nham se fundido imediatamente numa plataforma multidisciplinar sólida e relativamente uniforme para o estudo científico da pré-história, uma plataforma que continua a existir.

Todo esse conjunto de noções cruzou o Atlântico para chegar aos Estados Unidos no momento em que a nação estava preocupada com os problemas da escravidão e da secessão, e na iminência de mergulhar na Guerra Civil. Nada de importante no domínio científico acontecia na América do Norte naqueles dias, embora especialistas em armamentos tivessem inventado o submarino e uma versão primitiva da metralhadora, a Gatling gun. Muitos americanos inclinavam-se a favor da teoria da seleção natural de Darwin. Louis Agassiz, o glaciólogo que tinha deixado a Suíça e se transferido para Harvard, achava provável a presença de seres humanos anteriormente (ou contemporaneamente) à existência das geleiras, mas, por outro lado, não acreditava que a seleção natural de Darwin pudesse substituir a mão divina e *criar* espécies animais. Outros, porém, rejeitava categoricamente a noção de que todos os animais tivessem se originado de um único antepassado. Asa Gray, o mais renomado botânico do país, se tornou o mais ardente defensor de Darwin nos Estados Unidos. Joseph Henry, um físico dedicado a interesses variados, e que era, além do mais, secretário do Smithsonian, deu instruções aos antiquários e viajantes sobre o que deveriam buscar no território dos índios a fim de averiguar se homens tinham vivido na América do Norte em períodos comparáveis aos da Europa. Esse suposto habitante da era glacial na América veio a ser conhecido como o Homem Glacial.

Por volta dos anos 1870, a surpreendente revolução no pensamento científico levada a cabo pelos europeus já tinha penetrado profundamente na consciência dos americanos, e tanto cientistas treinados quanto amadores exploravam infatigavelmente a terra à procura de indícios do Homem Glacial. Eles escavavam na área de cavernas e montículos, investigavam depósitos de cascalho nas margens dos rios, esquadrihavam os pântanos. Conseguiram encontrar algumas ferramentas nesses locais, mas que não estavam associadas a mamutes ou a quaisquer outros animais do Pleistoceno. As ferramentas de pedra se pareciam tanto com as

produzidas pelos aborígenes modernos que não há como distingui-las. O próprio Agassiz estava descobrindo numerosas provas da glaciação na América do Norte, mas nenhum artefato no meio do cascalho e outros depósitos glaciais.

Muita gente acreditava que, já que os europeus tiveram o Neandertal e, mais tarde, o Cro-Magnon, que deixaram pinturas de animais da Idade do Gelo nas cavernas, o Novo Mundo devia ter tido também algo equivalente. Era apenas questão de se procurar com mais atenção. Não demorou muito e uma batalha acadêmica foi travada no campo da arqueologia norte-americana — uma batalha ainda mais feroz do que a travada em torno dos construtores de montículos da mesma era. Hoje tendemos a considerar o material exibido nos museus de história natural algo de tranquilo, talvez empoeirado, incapaz de despertar fortes emoções, mas nas décadas finais do século XIX esse mesmo material foi objeto de disputas acirradas, as mais violentas da história da ciência americana. Foi o período em que um paleontólogo de Yale, Othniel C. Marsh, sustentou uma azeda polêmica com o seu colega do Smithsonian, Edward Cope, a respeito de como achar, identificar, recuperar e entender os dinossauros. Tratou-se de uma disputa prolongada, que envolveu acusações de fraude, logro, e outras atividades impróprias, e que foi levada a cabo com a intensidade de uma vendeta entre famílias no Kentucky.

Em comparação, as controvérsias em torno dos construtores de montículos parecem moderadas. Elas foram motivadas pelas ideias preconcebidas sobre a identidade, as características das populações nativas do período e uma porção de outras considerações irrelevantes, e só foram resolvidas depois de anos de exaustivos esforços com bases nas técnicas cada vez mais sofisticadas da arqueologia. Ao contrário das disputas sobre dinossauros entre dois influentes paleontólogos, os debates sobre construtores de montículos foram sobretudo entre, de um lado, arqueólogos consumados e, de outro, meros iniciantes na carreira. E embora a arqueologia americana estivesse desenvolvendo uma abordagem mais científica nos anos entre 1865 e a virada do século, ainda estava muito abaixo do nível atingido pelos europeus. É justo dizer que os arqueólogos americanos daque-



les dias avançavam seguindo suas próprias inspirações, e somente de vez em quando davam uma olhada para ver como estavam agindo os seus colegas mais circunspectos e metódicos do Velho Mundo.

#### O PALEOLÍTICO NA EUROPA

Já na primeira década do século XIX, a tarefa de recolher de maneira mais ou menos sistemática os restos arqueológicos pré-históricos — ou “antiguidades”, como eram chamados — estava sendo levada a cabo em várias partes da Europa, sobretudo na Escandinávia. O dinamarquês Rasmus Nyerup, bibliotecário por profissão e antiquário por vocação, depois de ter acumulado artefatos oriundos de todas as regiões de seu país, apelou ao governo, em 1806, para que fundasse um museu a fim de abrigar sua coleção e outras semelhantes. Não demorou muito e o recém-criado Museu de Antiguidades Dinamarquês ficou literalmente repleto de artefatos que os estudiosos procuraram enquadrar no que se conhecia da história da Dinamarca.

Daquela massa de dados desorganizados acabou emergindo a ideia do chamado Sistema das Três Idades — Pedra, Bronze e Ferro. Nos anos 1830, J. J. A. Worsaae fez escavações estratigráficas nos montículos dinamarqueses de sepultamento, bem como em outros sítios, e demonstrou que havia uma sucessão cronológica na fabricação de ferramentas de pedra, cobre ou bronze, e ferro. Com a exceção do uso notável, mas quase despercebido, da estratigrafia por Jefferson cinquenta anos antes na Virgínia, o trabalho de Worsaae foi o primeiro exemplo na história da arqueologia de uma escavação feita em conformidade com os níveis naturais.

Em resultado dessa iniciativa dinamarquesa, a arqueologia pré-histórica passou a existir como um campo legítimo de investigação, pelo menos numa parte da Europa. Logo depois, o Sistema das Três Idades se tornaria o parâmetro temporal, não somente para o Norte europeu, mas para todo o continente. Coincidindo com o fim da Guerra Civil Americana, os termos Paleolítico (Antiga Idade da Pedra) e Neolítico (Nova

Idade da Pedra) foram introduzidos. O Paleolítico foi definido como um longo período, de começo indeterminado, marcado pelo uso de ferramentas de pedra lascada, e seguido por um interlúdio, o Neolítico, no qual a tecnologia da pedra polida fez o seu aparecimento. Logo, kits chamados “tradições” no jargão profissional e espalhados num amplo raio geográfico — tais como machados e talhadores retangulares típicos da era acheulense — ou kits mais localizados conhecidos como “indústrias”, foram identificados, descritos e nomeados — habitualmente com nomes tirados dos sítios onde haviam sido achados.

Conforme David Meltzer explicou convincentemente em vários artigos dos quais a sinopse histórica que apresentamos a seguir foi parcialmente tirada, logo os especialistas europeus, e mais tarde, os americanos, se familiarizaram não somente com a era acheulense, mas também com os períodos da Idade da Pedra (Paleolítico Superior), tais como o *solutrense* (referente à região de Solutré, no Centro-Leste da França) e o *madalenense* (referente a La Madeleine no Périgord, Sudoeste da França). Posteriormente, os arqueólogos especificaram uma cultura intermediária, a Idade da Pedra Média ou *mousteriense* (designação referente a Le Moustier, também no Sudoeste da França), o período em que o Homem de Neandertal viveu. No final do século XIX, a ideia de um Paleolítico bastante longo, se não chegava a ter se tornado célebre, já tinha pelo menos cruzado o Atlântico.

#### O DESAPARECIMENTO DO PALEOLÍTICO AMERICANO

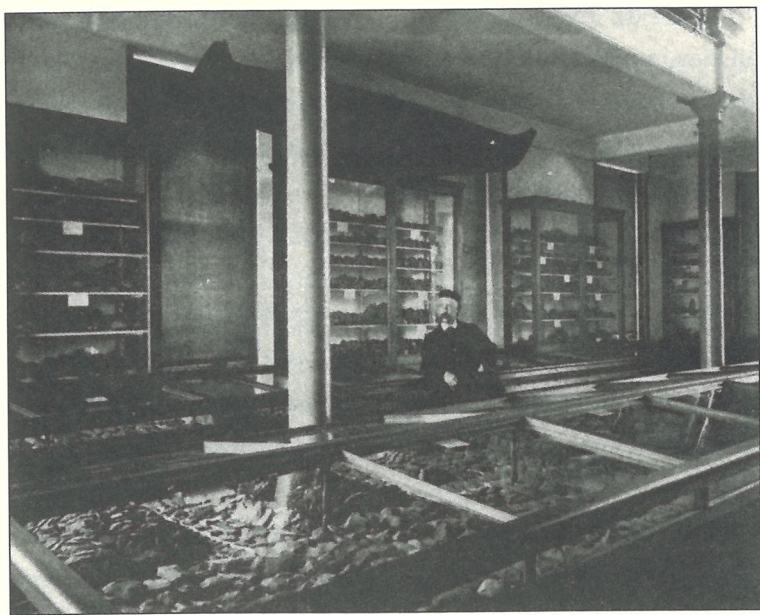
No início dos anos 1870, dois americanos iniciaram carreiras que iriam colocá-los como protagonistas em lados opostos de uma grande disputa no campo da arqueologia. Um era médico, o outro, artista. O artista era William Henry Holmes, que, em 1871, foi para Washington estudar arte. Como qualquer turista, teve a oportunidade de visitar o Smithsonian, e ficou tão empolgado com uma ave ali exposta que resolveu desenhá-la. Um paleontólogo que fazia parte da equipe do Instituto viu o desenho e



decidiu contratar Holmes para desenhar fósseis. Os desenhos foram, por sua vez, vistos por Ferdinand Hayden, que escolheu Holmes para integrar uma expedição científica financiada pelo governo que iria estudar o parque Yellowstone no ano seguinte.

O jovem artista não demorou a ser promovido a geólogo assistente, e em numerosas viagens ao Oeste fez ilustrações arqueológicas panorâmicas da região, as quais, segundo um historiador, “representam o ponto mais alto que as ilustrações geológicas ou topográficas atingiram neste país”.

Em 1876, Holmes estava imerso nessas ocupações quando um médico de Nova Jersey, Charles Conrad Abbott, publicou uma monografia sobre as “toscas” ferramentas de pedra que ele suspeitava serem do Paleolítico, e que encontrara no cascalho ribeirinho das proximidades da fazenda de sua família em Trenton, Nova Jersey (a qual, aliás, ficava próximo ao limite sul da massa do último avanço glacial). Na busca por antigos habitantes do Novo Mundo equivalentes aos do Velho Mundo, o achado de ferramentas toscas como as do Paleolítico europeu era o



*Charles Conrad Abbott, MD, cerca de 1875-1888.*

melhor resultado que se poderia desejar, e que somente poderia ser superado se fossem encontrados restos humanos associados à fauna antiga, o que não aconteceu, nem mesmo depois de uma década de tentativas. As ferramentas recolhidas por Abbott eram na maioria machados moldados pelo choque contra uma “bigorna” de rocha ou, alternadamente, por pancadas dadas com outra pedra. Seja como for, elas se pareciam de fato com as ferramentas achadas por Boucher nas margens do rio Somme e vistas de vez em quando na Europa.

O trabalho de Abbott despertou a atenção de um profissional, Frederic Ward Putnam, que havia sido nomeado curador do Museu Peabody de Harvard em 1875. Antes de exercer essa função, ele tinha sido zoólogo, mas acabou se tornando um participante destacado do processo de escavação e preservação dos montículos do Oeste, tendo desenvolvido técnicas sofisticadas de mapeamento, perfuração e arquivamento das descobertas arqueológicas. De certo modo, foi ele quem salvou da destruição o monte da Grande Serpente ao adquiri-lo para a coleção do Museu Peabody. A manutenção do monte foi mais tarde passada para os cuidados do Estado de Ohio.

Putnam tinha outro interesse além de investigar os construtores de montículos: queria provar que seres humanos tinham vivido na América do Norte no final do Pleistoceno. E assim foi que o estudo de Abbott sobre os seus achados “paleolíticos” no cascalho de Trenton foi publicado pelo Museu Peabody, constituindo o décimo da série de relatórios anuais da Instituição. E depois que um geólogo de Harvard foi a Trenton e examinou o terreno em companhia de Abbott, confirmando que os depósitos onde estavam os artefatos eram realmente oriundos do Pleistoceno, Abbott achou que podia proclamar ter descoberto o Homem Glacial.

Durante duas décadas, o Homem Glacial foi objeto de empolgação do grande público através de livros técnicos e populares, conferências e eventos diversos. Abbott foi classificado como o Boucher americano. Achados semelhantes aos seus proliferaram em todos os cantos do Leste, e outros locais. Os americanos podiam se regozijar de que o Novo Mundo não tinha sido ignorado pelos caçadores paleolíticos da Idade do Gelo,



e alguns estudiosos sugeriram que os seres humanos tinham chegado a esse continente até mesmo em épocas anteriores.

Entrementes, no Departamento de Etnologia do Smithsonian e na Agência de Pesquisas Geológicas dos Estados Unidos, que em 1877 estavam sob a ditadura de John Wesley Powell, a maior parte dos cientistas se posicionava contra a ideia de um Homem Glacial, que lhes parecia esquisita do ponto de vista teórico. Quanto aos cientistas do governo, eles seguiam o antropólogo pioneiro Lewis Henry Morgan, o qual, em sua obra *Ancient Society*, propunha uma série de estágios simplísticos que os homens tinham atravessado, desde a selvageria e a barbárie até a civilização. O processo era visto como gradual (mas não gradual em termos glaciais), e a noção de um Homem Glacial na América deixava um grande vazio no registro arqueológico, com praticamente nada existindo entre o Pleistoceno e a época dos índios americanos, os quais, na perspectiva de Morgan e outros, ainda eram selvagens.

Em 1882, o artista transformado em geólogo William Henry Holmes abandonou a exploração geológica do Centro-Oeste para se dedicar a um outro interesse: a cerâmica. Empenhou-se, então, em catalogar e classificar todas as formas conhecidas da cerâmica nativa americana, tarefa que o ocupou até os anos 1890, e cujos resultados formam a base da maioria dos trabalhos do gênero na arqueologia de hoje. (Holmes foi, outrossim, um dos primeiros estudiosos a observar que cestas, tecidos e redes eram às vezes estampadas sob a forma de louça. Com isso colocou em foco as tecnologias não duráveis, raramente preservadas na América do Norte, e que eram mais importantes aos olhos de seus fabricantes do que os objetos de pedra que são coletados com maior frequência.)

No entanto, antes que seu trabalho com cerâmica fosse completado, Holmes recebeu outra incumbência: John Wesley Powell queria que ele acabasse de vez com toda a falação sobre o Homem Glacial. Powell, que foi quem praticamente levou o governo nos Estados Unidos para o campo da ciência e que foi responsável pela contratação de um número excepcional de cientistas, estava convencido de que a ciência não era lugar para amadores. Insistia que ela estava sendo ameaçada por procedimen-

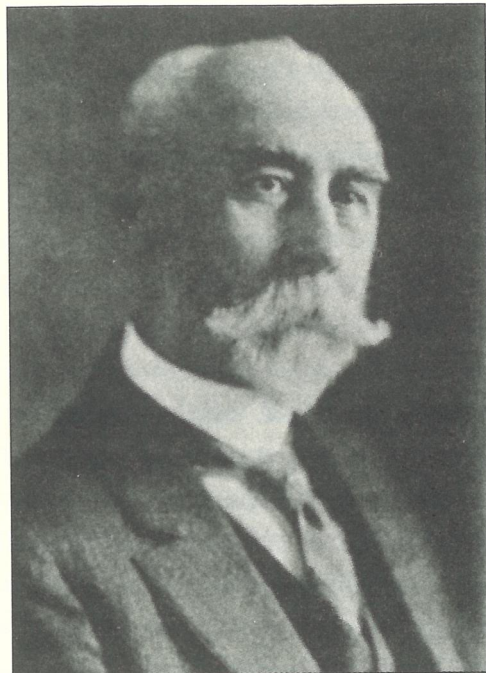
tos gratuitos, como, por exemplo, pegar uma pedra lascada de datação ignorada e colocá-la ao lado de uma ferramenta do Paleolítico do Pleistoceno europeu, e depois alegar que eram objetos semelhantes.

Powell sugeriu que Holmes começasse examinando um depósito nas cercanias de Washington D.C., onde um proponente da ideia do Homem Glacial dizia ter descoberto ferramentas do Pleistoceno. Existe uma antiga fotografia de Holmes na qual ele aparece como um homem distinto, calmo, ostentando um farto bigode, vestido de paletó, colete e gravata, tendo na cabeça um chapéu de aba estreita, e sentado no meio de uma porção de pedras redondas e lisas espalhadas no solo de uma floresta secundária. Trata-se de uma imagem que reflete tranquilidade, e não lembra nem de longe a ideia de destruição. No entanto, foi ali naquele local que Holmes determinou que os objetos em questão não eram artefatos do Paleolítico, mas formas incompletas — isto é, rochas que tinham sido lascadas por índios de épocas recentes com vistas a transformá-las em pontas de flechas. Algumas delas lembravam, de fato, os objetos paleolíticos em forma de tartaruga encontrados na região do Somme e outros sítios europeus, mas se tratava de mera coincidência. Holmes chegou inclusive, com o uso das próprias mãos, a criar objetos parecidos, numa demonstração espetacular capaz de esvaziar o balão da crença nos vestígios do Pleistoceno.

Posteriormente, Holmes investigou locais como os depósitos de cascalho em Trenton, onde Abbott alegava ter encontrado provas da existência do Homem Glacial. Concluiu que os depósitos eram relativamente recentes e nada tinham a ver com o Pleistoceno, e que os artefatos eram meramente depósitos de lixo de aborígenes que viveram muito mais tarde. Os artefatos achados em depósitos antigos haviam sido provavelmente deslocados de sua localização inicial por causas naturais. Toda a questão em torno do Paleolítico americano, argumentou Holmes, estava “inevitavelmente comprometida por erros e má interpretação” de amadores caçadores de relíquias, não cientistas de verdade.

Naturalmente os defensores da ideia do Homem Glacial não gostaram de suas palavras, nem se deixaram convencer. Aliás, muitos historia-





*William Henry Holmes.*

dores da ciência ou outros estudiosos têm assinalado que poucas são as pessoas que mudam de opinião por influência de argumentos ou fatos. Na maior parte das vezes, os adeptos de uma posição científica não desistem quando se defrontam com uma nova explicação apoiada em provas. A oposição a uma teoria diferente só desaparece quando os defensores da velha teoria morrem. O paradigma acaba sendo alterado por obra do Anjo da Morte.

Claro que Charles Conrad Abbott não se mostrou disposto a entregar os pontos. Em reuniões de cientistas, esbravejava e protestava, enquanto o elegante Holmes se mantinha imperturbável. Abbott escreveu poemas maliciosos a respeito de Holmes. O patrocinador de Abbott era conhecido com um “brilhante charlatão”. Abbott acusou os cientistas do governo de participarem de uma espécie de complô federal “envolvendo as cabeças ocas a fim de garantir proeminência científica para um punhado de figurões da arqueologia”. É verdade que os cientistas oficiais

eram comparativamente bem financiados, enquanto os demais tinham que lutar para conseguir recursos financeiros para suas pesquisas, e havia uma impressão generalizada de que os membros do império de Powell — a Agência de Pesquisas Geológicas e o Departamento de Etnologia — estavam arrogantemente esmagando quaisquer adversários que houvesse pela frente. Existem, de fato, provas de que os cientistas do governo se empenharam em impedir que os oponentes publicassem seus estudos nos periódicos científicos que estavam surgindo na época.

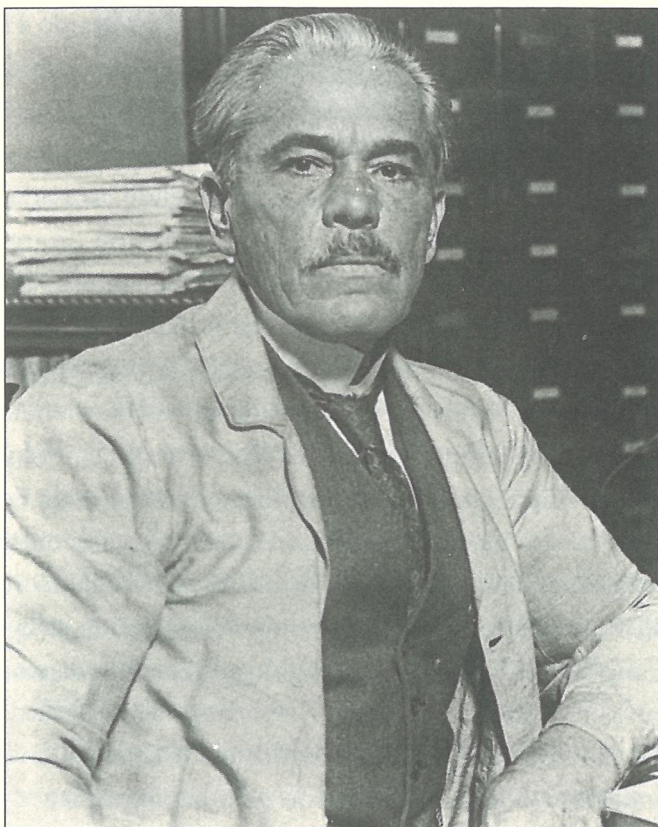
Holmes continuou a expor suas ideias nos anos 1920, tendo sido alçado à posição de Diretor do Departamento de Etnologia após a morte de Powell em 1902. Entrementes, uma nova geração de arqueólogos estava chegando à maturidade no século XX. Eles relutavam em chamar atenção para artefatos que podiam talvez ter se originado na era do Pleistoceno porque temiam ser despedaçados pela espada ágil e cortante da retórica de Holmes. Na verdade, a impassibilidade mantida por Holmes diante dos ataques mais furiosos de seus adversários intensificava ainda mais a frustração dos que viam a ideia do Homem Glacial sendo arrasada.

Em 1920, Holmes, já com mais de 70 anos, aceitou o cargo de diretor da recém-criada Galeria Nacional de Arte, deixando de lado a ciência para retornar às suas raízes. Permaneceu no cargo até um ano antes de morrer, em 1933. Foi um homem que se movia com elegância e facilidade entre campos que gerações posteriores iriam considerar duas “culturas” separadas, até mesmo irreconciliáveis — a arte e a ciência.

Nesse meio tempo, enquanto arqueólogos que não eram do governo percorriam o país em busca de sinais do Homem Glacial, outra linha de evidência ocasionalmente surgia: os ossos. E, na virada do século, entrou no palco um assistente de Holmes que logo ganhou a reputação de ser o mais implacável inimigo da noção de antiguidade da existência de seres humanos na América do Norte. Tratava-se de Aleš Hrdlička (que se pronuncia mais ou menos como “Herdlishka”), um médico que se instalou no Smithsonian e ficou conhecido pelo hábito de fazer anotações nos relatórios de outros investigadores de sítios arqueológicos com comentários do tipo “idiota desmiolado”.



Hrdlíčka nasceu em 1869 no seio de uma família da região da Boêmia vivendo no que hoje é a República Tcheca, e foi levado para Nova York aos 13 anos. Treinado em duas faculdades de medicina, praticou sua profissão por algum tempo e foi nomeado para uma posição no Hospital de Doenças Mentais em Middletown, Nova York. Ali iniciou o estudo das características físicas dos doentes, e, mais tarde, interessado em patologia, foi a Paris onde investigou vastas coleções de esqueletos de origem europeia. Hrdlíčka acabou despertando a atenção de Frederic Putnam, que tinha saído do Peabody e fora ajudar a fundar o Museu de História Natural de Chicago, bem como os departamentos de antropologia tanto da Universidade da Califórnia (Berkeley) como do Museu de



*Aleš Hrdlíčka.*

História Natural de Nova York. Putnam tirou Hrdlíčka do Colégio de Médicos e Cirurgiões de Nova York e o integrou numa missão científica ao Sudoeste e ao México organizada, em 1898, pelo Museu Americano; e no México Hrdlíčka teve oportunidade de estudar as características físicas de várias tribos norte-americanas. Assim Putnam colocou em circulação justamente a pessoa que (junto com Holmes) iria dar o golpe de morte no sonho dele, Putnam, da existência do Homem Glacial.

A busca de objetos “Paleolíticos” tinha praticamente terminado em 1899, mas eis que um dos associados de Putnam encontrou um fêmur humano no cascalho de Trenton, e a esperança renasceu. Putnam entregou o osso a Hrdlíčka, que concluiu que não se tratava senão do fêmur de um índio contemporâneo. O fato é que o cascalho de Trenton tinha sido objeto de tantas controvérsias que logo o osso foi esquecido. Dado o surgimento de novos estudos sobre o material disputado de esqueletos no Centro-Oeste, Hrdlíčka entrou abertamente na luta. Em 1903, foi contratado por Holmes para dirigir o recém-formado Departamento de Antropologia Física do Museu Nacional do Smithsonian, que tinha se transformado no Museu Nacional de História Natural.

Enquanto novos restos humanos supostamente do Pleistoceno continuavam a aparecer, Hrdlíčka ganhava proeminência nos debates. Tinha fisionomia severa, queixo vigoroso, carranca permanente. Se lhe dessem uma roupa de faroeste, passaria facilmente por um xerife implacável disposto a impor um clima de justiça e ordem numa cidade desordeira de fronteira, (Com algum exagero imaginativo, era possível ver em Holmes e Hrdlíčka a dupla famosa Doc Hollyday e Wyatt Earp da antropologia do início do século XX expulsando de Tombstone todos os transgressores da disciplina científica.) A opinião de Hrdlíčka era de que se homens tivessem de fato vivido na América no Pleistoceno, eles deveriam ter tido uma aparência diferente da do homem moderno, assemelhando-se mais ao Homem de Neandertal. Tanto Hrdlíčka quanto Holmes estavam convencidos de que a presença humana na América do Norte não poderia ser mais antiga do que de 4 mil ou 5 mil anos; ora, o Pleistoceno, na opinião geral, terminara havia 15 mil ou 20 mil anos.



Hrdlíčka rejeitou todas as “descobertas” de alegados restos humanos do Pleistoceno, assinalando que não diferiam dos modernos, e advertiu os geólogos para que duvidassem da antiguidade de depósitos em que eles tinham sido achados. Hrdlíčka viajava extensamente em função de suas pesquisas, indo aos cantos mais exóticos. Ninguém punha em questão o seu conhecimento dos ossos e da variabilidade humana do registro arqueológico, e poucos ousavam contradizê-lo quando, ao chegar a um sítio de alegados restos do Pleistoceno, decretava que eram restos de nativos americanos contemporâneos. Na sua esteira, deixava arqueólogos provicianos frustrados e facções agressivas envolvidas em conflitos sobre evidências geológicas, num espetáculo em que pessoas normalmente bem-comportadas e polidas se acusavam mutuamente de falta de integridade intelectual, quando não de falsificação pura e simples. O rolo compressor federal esmagava todas as alegações. Foram dias desagradáveis para os protagonistas da polêmica. Conforme David Meltzer escreveu sobre o período em questão:

Antropólogos debatiam entre si — mas na maior parte das vezes com o próprio Hrdlíčka — sobre qual deveria ser a aparência de um fóssil da era do Pleistoceno; depois discutiam com os paleontólogos sobre o cronograma das extinções de mamíferos. Paleontólogos batalhavam com geólogos sobre onde colocar a linha de demarcação entre formações do Pleistoceno e do pós-Pleistoceno. Geólogos digladiavam-se a respeito do número, da datação e das evidências da história glacial. Mesmo os linguistas entravam na briga, manifestando seu desagrado com todos que falhavam em lhes fornecer um cronograma que levasse em conta um tempo suficiente para explicar a diversidade das línguas nativas norte-americanas.

Assim como a nova geração de arqueólogos desistiu de abordar a questão dos objetos “paleolíticos” semelhantes aos europeus para não despertar os comentários cáusticos de Holmes, assim uma outra geração de cientistas aprendeu a adotar uma posição discreta sobre os restos

humanos do Pleistoceno com receio de levar uma paulada de Hrdlíčka. Porém, naturalmente, havia algo mais do que isso. Ao longo do debate sobre o Homem Glacial que se desenrolou dos anos 1870 até os 1920, é possível distinguir vários subtextos por trás da argumentação.

A maioria dos defensores da tese da origem paleolítica das ferramentas em causa era ignorante no concernente aos nativos americanos contemporâneos e nem se importava com isso, enquanto os cientistas do governo insistiam em que precisaria haver um elo direto entre os primeiros migrantes para o continente e as populações aborígenes ainda vivas, as quais, a seu ver, eram, no entanto, de origem relativamente recente, resultantes de um único movimento migratório da Ásia.

Além do mais, numerosos desses adeptos da tese paleolítica eram, por berço e educação, criaturas do leste dos Estados Unidos, onde havia a tendência para ajustar as descobertas da ciência ao modelo europeu. Por outro lado, muitos dos cientistas de Washington tinham vindo do Oeste e desdenhavam quaisquer vínculos com a Europa, não só no terreno científico como em outras áreas. Naqueles dias, um americano nascido na Alemanha, Franz Boas, cujo trabalho com os esquimós e ilhéus do Pacífico o tinha tornado o fundador, mais do que meramente nominal, da antropologia americana moderna, enfatizava a existência de um elo direto entre a antropologia e a arqueologia; e os arqueólogos de Washington concordavam. Mas os adeptos da tese paleolítica pensavam diferente.

Tal como sabemos hoje, seres humanos na Idade do Gelo *estiveram* presentes na América do Norte, e os adeptos da tese paleolítica tinham razão nesse ponto. Existem inúmeros artefatos provenientes daquela era, e Holmes estava errado. E aqueles seres humanos *não* tinham traços do Homem de Neandertal; o radicalismo de Hrdlíčka era igualmente equivocado.

Pode parecer que esses dois homens eram objetores profissionais, agarrando-se teimosamente a um dogma e obstruindo qualquer avanço. Mas de uma maneira importante Holmes, Hrdlíčka e outros que malhavam os adeptos da tese paleolítica estavam certos. Porque ninguém naqueles dias encontrara qualquer prova de seres humanos do Pleistoceno na América do Norte. Os cientistas de Washington estabeleceram crité-



rios científicos confiáveis para avaliação da evidência arqueológica que ainda hoje prevalecem. Era preciso: (1) encontrar artefatos ou restos osteológicos obviamente humanos; (2) determinar um contexto indisputável (tal como associação estratigráfica direta com restos de animais extintos do Pleistoceno); (3) exercer um controle válido sobre a cronologia — o que, naqueles dias, significava dispor de uma estratigrafia inalterada. Nenhum dos sítios atacados tão virulentamente por Holmes e Hrdlička se conformava a esses critérios quando foram descobertos ou quando, em alguns casos, foram reexaminados em períodos mais desenvolvidos do ponto de vista técnico ou profissional. É importante reiterar que os critérios gerais estabelecidos então não eram nem exageradamente severos nem frouxos — e, conforme veremos, trata-se basicamente dos mesmos critérios em vigor na arqueologia atual.

Na busca pelo Homem Glacial até o final dos anos 1920, os referidos critérios não foram obedecidos. Era impossível naqueles dias fixar uma cronologia exata; somente podia ser adotada uma cronologia relativa, e quando se leva em consideração o estado da estatigrafia de então, se percebe que o resultado teria de ser incerto. Artefatos de pedra parecidos com machados rudimentares talvez fossem na realidade apenas pedras redondas e lisas descartadas por índios de épocas recentes, conforme Holmes demonstrou em várias ocasiões. Os três itens do critério estipulado pelos cientistas de Washington revelaram ser muito estritos para poderem ser seguidos pelas técnicas arqueológicas daqueles tempos. Portanto, a questão permaneceu num impasse, como naqueles duelos ao estilo mexicano em que os dois adversários olham ameaçadoramente um para o outro, mas sem a possibilidade de conquistar uma posição de vantagem. Eis, porém, que no momento mesmo em que a maioria dos americanos de melhor nível educacional estava preocupada com assuntos mais urgentes — como Proibição, Bolsa, gangues, filmes e vários prazeres ilícitos da Era Extravagante dos Anos 1920 — uma escavação num riacho insignificante de um canto remoto do Novo México veio a modificar por completo o cenário da arqueologia americana.

## FOLSOM E CLÓVIS

Jennings, Meltzer e muitos outros arqueólogos “reconstituíram” o que pode ter acontecido em Folsom bem no final do Pleistoceno, mas de qualquer forma vale a pena contar a história de novo. Em certo momento, 10 mil anos atrás, um rebanho de imensos bisões se precipitou ruidosamente ao longo de um riacho, aproximou-se de uma curva e caiu então numa armadilha preparada por um grupo de homens armados com lanças de madeira ou dardos com pontas de pedra finas e elegantes. Alguns dos animais provavelmente conseguiram escapar, urrando, enquanto outros morreram instantaneamente, com o coração ou pulmões atingidos pelos projéteis. Alguns que não morreram logo tiveram de ser abatidos pelos caçadores, sob os olhares de numerosos espectadores, mulheres e crianças, que tinham acompanhado de longe todo o episódio.

O cenário onde se desenrolou a sangrenta matança era composto de um verde prado, árvores e, ao longe, florestas. Acima, montanhas verdes surgiam no horizonte. Era um local saudável e que provavelmente continuou assim ao longo dos anos quando cenas semelhantes ocorreram. Em certo momento, a poeira cobriu toda a área, incluindo os ossos. Passaram-se 10 mil anos.

É possível que mais recentemente o riacho tenha sido visitado muitas vezes pelo gado que vagueava pelas nunca frágeis cercas dos rancheiros que foram para o vale no século XIX, agora um pouco mais seco do que quando o bisão pisou ali, mas no geral pouco mudado. No final de agosto de 1908, o capataz do Crowfoot Ranch foi à pequena cidade de Folsom no encalço de bois que tinham pulado a cerca e se desgarrado. Um ou dois dias antes chovera abundantemente, inundando as cercanias do riacho e levando o gado a se dispersar.

O capataz, George McJunkin, era um negro, ex-escravo, que tinha migrado para o Leste depois de ter sido libertado e que acabou encontrando emprego na fazenda. Além de competente em sua função específica, era uma espécie de naturalista, ou pelo menos um agudo observador. Montado em seu cavalo, pôs-se a inspecionar as cercas e a procurar o



gado desgarrado até que, chegando a uma curva no riacho Wild Horse, notou a presença de alguns ossos que tinham ficado semiexpostos depois da passagem da água da chuva. Os ossos pareciam grandes demais para serem restos de bovinos, e pareciam até mesmo grandes demais para terem pertencido a bisões.

McJunkin mostrou os ossos a Carl Schwachheim, um ferreiro de uma localidade vizinha, Raton, o qual, nos anos seguintes, se empenhou em fazer o Museu de História Natural do Colorado se interessar pela descoberta. Somente em 1926, quatro anos depois de o capataz morrer, aos 66 anos, o ferreiro conseguiu convencer o diretor do museu a visitar a região e dar uma olhada. Não parece que tenha sido a menção a pontas de pedra que levou o diretor, Jesse D. Piggins, a fazer a visita. Segundo o memorando que escreveu, ele foi ao sítio a fim de recolher um número suficiente de ossos fossilizados de bisões para poder montar o esqueleto de um desses animais para exibição no seu museu.

No entanto, pode ter havido algo além disso. Em 1925, Figgins tinha se envolvido com uma escavação em Lone Wolf Creek, perto de Colorado City, Texas, onde haviam sido encontradas pontas de pedra em aparente associação com os restos de antigos mamíferos. Figgins por três vezes alegara ter detectado sinais de atividade humana associada a criaturas da Idade do Gelo, mas o *establishment* de Washington dera de ombros, argumentando que a escavação não havia sido feita por “arqueólogos com reputação”.

No verão de 1926, no riacho Wild Horse, Figgins encontrou entre os ossos de bisões uma ponta de pedra de acabamento refinado. Em 1927, redigiu um relatório preliminar a respeito visando “agitar o veneno existente” no Smithsonian de Hrdlička. Ficou depois sabendo que lhe fora concedido um encontro com o grande homem em Washington, marcado para a primavera. Figgins ficou admirado de ser recebido com cordialidade por Hrdlička, que apenas lamentou que a ponta não tivesse sido deixada intocada no sítio para que outros a pudessem examinar. Ele sugeriu que se Figgins fizesse no futuro outra descoberta semelhante, avisasse os profissionais por telegrama a fim de que eles pudessem ir

rapidamente ao local observar com seus próprios olhos um artefato humano associado aos restos de um mamífero da Idade do Gelo.

Apesar de as maneiras de Figgins demonstrarem uma certa bravata típica do Oeste, e de as palavras de Hrdlička indicarem sua opinião de que um rústico do Oeste não era competente para se encarregar sozinho de descobertas do gênero, Figgins foi suficientemente humilde — considerando que não julgava ser nem arqueólogo nem paleontólogo — para achar razoável a recomendação do seu interlocutor. E no verão seguinte, quando ele e colegas acharam perto de Folsom uma ponta de pedra encaixada entre as costelas fossilizadas de um bisão da Idade do Gelo, não mexeu em nada e se apressou a telegrafar para Hrdlička e outros no Smithsonian e diferentes museus, comunicando: OUTRA PONTA DE FLECHA ENCONTRADA JUNTO A RESTOS DE BISÕES EM FOLSOM NOVO MÉXICO CONVIDEI HRDLICKA PARA VIR INVESTIGAR.

Os figurões do Leste não demoraram a chegar. Como Hrdlička estivesse ocupado com outros assuntos, um jovem colega do Departamento de Etnografia, Frank Roberts, foi em seu lugar, na companhia de Alfred Vincent Kidder, do Instituto Carnegie de Washington. Kidder e Roberts estavam naquele momento encarregados de estabelecer a sequência temporal da região do Pueblo a mais ou menos uma centena de quilômetros ao sul de Folsom, com base nas escavações das ruínas de Pecos, Novo México, mas os dois não chegaram antes que Barnum Brown do Museu Americano de História Natural de Nova York (o primeiro homem a descobrir o *Tyrannosaurus rex*) chegasse e começasse a limpar a matriz para distingui-la da ponta e dos ossos. Não havia dúvidas de que a ponta e os ossos tinham sido colocados no lugar simultaneamente (no jargão arqueológico, diz-se, nesse caso, que os artefatos e os ossos estão em associação direta). No total, Brown achou em torno de 17 pontas em associação com ossos de mamíferos da Idade do Gelo. Um mês depois de iniciada sua visita, Kidder — reconhecido como uma das maiores autoridades no assunto — determinou que o material achado tinha entre 15 mil e 20 mil anos de idade. E, posteriormente, Brown escreveu um relatório que, sem um pingão de generosidade, sequer mencionou o nome de Figgins.



Mesmo com os figurões tendo se pronunciado a favor da autenticidade do achado, logo surgiram motivos de desacordo. Por exemplo, quando aquela espécie específica de bisão foi extinta — no final do Pleistoceno ou no começo do Holoceno? O aspecto geológico era consistente com uma data do final do Pleistoceno? A questão não foi resolvida até que geólogos examinassem meticulosamente o sítio e determinassem que os depósitos pertenciam pelo menos ao final do Pleistoceno. Mesmo assim, William Henry Holmes, quando interrogado, recomendava consulta às opiniões “prevalentes”, e Hrdlíčka resmungava que não tinham sido encontrados restos pré-humanos (o que é verdade ainda hoje, mas irrelevante) e por isso se mantinha em silêncio sobre o assunto. No imediato, todo mundo, porém, parecia de acordo. Os três critérios que a elite de Washington propusera haviam sido obedecidos. Seres humanos tinham, de fato, habitado a América do Norte, pelo menos no final do Pleistoceno.

A conclusão de que homens viveram na América na Idade do Gelo tinha o seu lado irônico. É que Hrdlíčka, ao dizer a Figgins que prevenisse os sabichões do Oeste a respeito do que viessem a descobrir, ajudara a contradizer sua própria teoria em favor de uma presença mais recente do homem na América. E também os artefatos do Pleistoceno — que passaram a ser chamados de pontas de Folsom — não eram de modo algum parecidos com os “toscos” pedregulhos que Abbott e outros tinham alegado serem as únicas coisas que o Homem Glacial seria capaz de fabricar com a técnica disponível na época. Pelo contrário, eram instrumentos de feitura delicada, com extremidades habilmente talhadas e uma ampla área central em cada face que tinha sido cavada para formar um suave sulco. Tratava-se claramente de obra de artesãos habilidosos que tinham dominado a técnica de romper a pedra com uma espécie de martelo ou lascá-la mediante pressão, não de um bando de brutos pré-mousterenses fazendo uma pedra chocar-se com outra. E, mais importante, nunca ninguém tinha visto nada parecido com aquelas pontas. Eram únicas no arquivo arqueológico, algo peculiarmente americano.

As descobertas de Folsom foram um divisor de águas na história da arqueologia americana, e novas descobertas se seguiram. Um achado no Novo México, anos mais tarde, iria introduzir o período Clóvis, que passaria a dominar durante setenta anos o cenário da busca pelos primeiros homens na América. Os vestígios dos homens que, no final do Pleistoceno, tinham se espalhado por todo o continente foram encontrados numa remota cidadezinha do território seco e árido perto da fronteira com o Texas. O Homem de Clóvis, logo percebido como o mais vigoroso caçador a aparecer nas Américas, teria sido chamado de Riley se não fosse uma jovem fascinada pela história medieval da França. De fato, em 1906 foi dada à filha de um empregado da estrada de ferro de Santa Fé a oportunidade de batizar com um novo nome a obscura parada de trem de Riley's Switch. Empolgada pela figura de um rei franco do século V que havia se convertido ao cristianismo, ela optou pelo nome dele — Clóvis. O lugarejo logo se transformou num pequeno centro agrícola e comercial. Situada no lado ocidental do Dust Bowl, em 1930, a região de Clóvis era caracterizada por um calor insuportável no verão e se mostrava pouco propícia aos criadores de gado. Ao longo dos anos, vaqueiros vinham achando aqui e ali, no chão empoeirado, fragmentos de pedra em forma de lâminas, e o fato chegou aos ouvidos de um senhor muito refinado, Edgar Billings Howard, residente em Main Line, o bairro elegante da Filadélfia, e que falava com o sotaque musical de sua terra natal, Nova Orleans. Fazia parte da classe alta, e depois dos 40 anos resolvera adotar a carreira de arqueólogo.

Segundo Loren Eiseley, um jovem estudante que colaborara com ele durante um verão e que, mais tarde, ganharia fama mais por seu talento de poeta do que por seu trabalho como antropólogo, Howard tinha a obsessão de encontrar o esqueleto do Homem de Folsom. Com essa finalidade, começou a fazer investigações no deserto Chihuahuan, perto de Almagordo, e posteriormente em Carlsbad, Novo México, a cerca de 500 quilômetros ao sul de Folsom. Seu trabalho teve o patrocínio da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia. A região é caracterizada por numerosas cavernas. Além das Cavernas de Carlsbad, existem duas mil



outras num banco de areia ao norte das inhóspitas montanhas Guadalupe. As condições eram tremendas — calor, poeira, e as espinhosas plantas do deserto. Mas em 1932 Howard encontrou uma fogueira e ossos de vários animais da Idade do Gelo (caribus, camelos, cavalos, e assim por diante) que dependiam de um ambiente coberto de grama, o que demonstrava que a região já tinha sido viçosa, formando uma parte luxuriante das planícies do sul. E no mesmo ano Howard ouviu caçadores de relíquias falarem de ferramentas de pedra existentes na cidadezinha de Clóvis entre ossos de enormes mamíferos da Idade do Gelo. Ele transferiu, então, sua operação para aquele local por quatro anos a partir de 1933.

Embora Clóvis tivesse crescido desde a época em que seu nome deixara de ser Riley's Switch, tornando-se mesmo um centro de atividades ligadas à aviação, a área ao seu redor continuava seca e varrida por incessantes ventos que, de vez em quando, traziam à superfície ossos enterrados havia muito tempo. Um colecionador local, Ridgely Whiteman, levou Howard até um lugar chamado Blackwater Draw, vinte quilômetros ao sul, onde os ventos haviam colocado a descoberto restos de bisões e mamutes. Howard apressou-se a tomar conta da área para uso exclusivo da Academia de Ciências da Filadélfia.

Muitas descobertas excitantes foram feitas ali pela equipe multidisciplinar de Howard, que incluía até um especialista em moluscos encarregado de estudar fósseis de lesmas como indicadores das condições ambientais. A equipe de Howard foi decerto a primeira desse gênero a fazer escavações arqueológicas nos Estados Unidos. No quarto ano de seu trabalho, ou seja, 1937, a equipe encontrou pontas de Folsom associadas a restos de bisões do Pleistoceno. Nas camadas inferiores, achou pontas de pedras de maior tamanho e menos refinadas que estavam associadas a restos de mamutes.

Eis, pois, caçadores de mamutes do final do Pleistoceno que tinham vivido naquela área antes mesmo dos caçadores de bisões de Folsom. Suas características pontas de pedra eram maiores e mais longas do que as de Folsom, com sulcos ligeiramente mais toscos e curtos. Acabaram sendo chamadas de pontas de Clóvis, bem diferentes das versões anteriores, mais ru-



*Uma vista geral de Blackwater Draw  
(escavações de South Pitt), c.1933.*

dimentares da tradição Folsom. E o Mammoth Pit no depósito de cascalho de Blackwater Draw — um local cientificamente conhecido como Localidade Blackwater nº 1 — se tornou a localidade “típica” da cultura Clóvis. Porque ali, além das pontas de Clóvis, a equipe de Howard encontrou outros artefatos de pedra ou de ossos que constituíam o kit básico das ferramentas Clóvis achadas praticamente em todos os cantos dos Estados Unidos.

O kit incluía largas lâminas das quais outras ferramentas podiam ser feitas, tais como uma raspadora cortada obliquamente em ambas as extremidades e que podia ser usada para descarnar o couro dos animais antes de curti-lo; um buril (ferramenta pontuda usada para fazer incisões na madeira ou no osso); pontas de projéteis estriadas, grandes ou pequenas; e hastes feitas de osso que podem ter sido presas a hastes de lança de madeira cortada obliquamente na extremidade. Outra ferramenta típica da cultura Clóvis, embora não encontrada em Blackwater, foi uma espécie de chave inglesa de osso supostamente usada para endireitar lanças ou flechas entortadas, porém mais provavelmente empregada para fazer cordame a partir de material de plantas, como ainda hoje é costume.



As ferramentas líticas de Blackwater Draw não eram evidentemente fabricadas com pedras do local. Conforme análise posterior mostrou, o material usado vinha de quilômetros de distância, tais como o sílex Edwards, encontrado a trinta quilômetros a leste no Texas de hoje; o jaspe de Tecovas, mais ao norte da área em que se encontrava o sílex; a ágata de Alibates oriunda do *panhandle* texano. É de se presumir que aquela gente fazia longas e cansativas viagens a certos lugares em busca de materiais específicos de sua preferência — ou, talvez, participassem de extensas redes comerciais. Será que planejavam as viagens, ou apenas tiravam vantagem das rochas que jaziam ao longo das rotas migratórias dos mamutes de Colúmbia e outros rebanhos que os caçadores seguiam?

A partir de vestígios de plantas encontrados no depósito de cascalho de Mammoth Pit, a equipe de Howard conseguiu identificar o clima que predominava na época em que os caçadores de Clóvis viveram e foram bem-sucedidos nas planícies do sul. Pouco antes que eles chegassem, a região era uma savana fresca, seca, cercada, no terreno mais elevado, de abetos vermelhos e florestas de pinheiros. Na era Clóvis, a área ficou mais úmida, com grandes reservatórios de água fresca e riachos perenes. Os gramados e as florestas persistiam, e a temperatura no verão e no inverno não chegava a extremos intoleráveis. Havia abundância de caça, com animais fáceis de encontrar nos locais onde iam beber. Era um lugar perfeito para caçadores-coletores. Mas esse magnífico mundo do final do Pleistoceno já estava começando a mudar quando o povo de Clóvis chegou.

No fim da cultura Clóvis na região — depois de não mais de setecentos anos —, os grandes mamíferos, incluindo o cavalo, o camelo e o mamute, mas não o bisão, tinham desaparecido. Pode ter sido um prolongado período de seca que extinguiu tanto os grandes herbívoros quanto os seus predadores carnívoros, como os lobos e os tigres-dentes-de-sabre. Há provas de que o nível do lençol de água começara a diminuir. O povo de Clóvis em Blackwater Draw deve ter ficado numa situação extrema-

mente difícil, como se pode deduzir inclusive pela sua tentativa de perfurar um poço.

Enquanto os habitantes da região produziam as pontas de Folsom de menor tamanho e caçava bisões, muitas lagoas viravam áreas pantanosas, muitos riachos não corriam mais durante o ano todo ou tinham sumido completamente. Naqueles dias já avançados do Holoceno, o clima estava mudando consideravelmente na medida em que as geleiras do norte recuavam. Nas planícies do sul o clima era mais seco e quente, com temperaturas atingindo extremos insuportáveis. O bisão antigo e o antílope americano se reuniam nas margens das fontes de água onde havia alguma vegetação luxuriante. As florestas dos terrenos mais elevados tinham na maior parte desaparecido, e árvores de raízes fundas ainda se mantinham ao longo dos cursos de água nos baixios. Os ventos eram mais fortes e se assemelhavam aos que hoje sopram na região, carregando uma poeira amarelada, fustigando a terra, dobrando as plantas e eliminando qualquer esperança.

Será que a cultura Clóvis de curta duração foi o auge da arte do caçador norte-americano dos animais de grande porte? É certo que em Blackwater Draw, ao que tudo indica, os homens da cultura Clóvis mataram mamutes, que não só eram grandes e poderosos como também perigosos quando atizados. Mas como o faziam? Talvez conseguissem atrair os animais para a beira dos lagos e da lama e, quando eles ficavam atolados, imobilizavam-nos mais ainda com cordas passadas em suas pernas. Ou talvez esperassem bastante tempo até que as vítimas, atoladas, perdessem as forças e se tornassem presas fáceis. Ou quem sabe, como animais comedores de carniça, se aproximassem de animais moribundos ou já mortos para devorá-los. As evidências em Blackwater Draw, ou outros locais onde os artefatos da cultura Clóvis foram encontrados, não permitem que se chegue a conclusões definitivas.

Seja como for, no final dos anos 1930, enquanto os países da Europa se preparavam para uma nova guerra mundial, o kit de ferramentas da cultura Clóvis absorveu a atenção dos arqueólogos americanos e



depois penetrou na mente do grande público como sendo o primeiro sinal de habitação humana no Novo Mundo. Nenhum indício de antiga presença humana havia sido encontrado nas camadas subjacentes ao material Clóvis. Segundo a evidência limitada disponível então, Clóvis parecia ter sido uma cultura que se espalhara com uma velocidade enorme por todo o continente e rumara para o sul, para a América Latina. O povo de Clóvis combinava bem com um país habituado a bater recordes — a pé, em automóveis, em aviões. Rapidez. Inventividade. Espírito pioneiro. Conquistadores de fronteiras. Aqueles Primeiros Americanos mereciam parabéns.

Àquela altura, o campo da arqueologia se tornara bem mais profissional. Numerosas escolas ofereciam cursos de graduação em arqueologia. Periódicos para a divulgação de novos achados estavam começando a proliferar. Obter um diploma de arqueólogo passara a exigir o domínio de uma imensa massa de informações. Descobertas na África e logo na Ásia iriam revolucionar o conhecimento sobre a longa evolução humana, trazendo à luz humanóides com nomes estranhos, como o *Australopithecus*. Métodos sistemáticos de estudar as ruínas do Sudoeste, como a Mesa Verde, estavam surgindo. Estudos do Pleistoceno e eras anteriores na Europa vinham fornecendo novos e excitantes dados, bem como a compreensão da vida nos três estágios: Pedra, Bronze e Ferro. Um estudante de arqueologia tinha muito o que aprender na medida em que outros campos enriqueciam o seu próprio — tais como a geologia, naturalmente, e ainda a botânica, a hidrologia e a zoologia. A resposta a esse dilema já tinha sido encontrada: a escavação multidisciplinar, como a feita em Blackwater Draw. Isso se tornaria a regra, e aumentaria em muito a riqueza de dados que uma escavação era capaz de proporcionar. Mas, como acontece frequentemente, o que se ganha de um lado se perde de outro. Não se notou de imediato, mas foi ficando cada vez maior o número de estudantes de arqueologia ignorantes do campo do qual a arqueologia se originou, isto é, a geologia. Tratava-se de uma nova era, a era da especialização.

Mas nem o mais arguto geólogo do período era capaz de determinar exatamente quando aqueles Primeiros Americanos exemplares — o povo de Clóvis — tinham vivido. As datas de sua suposta predominância sobre todas as outras criaturas da América do Norte permaneciam ambíguas, e a questão continuou sem resposta até depois da Segunda Guerra Mundial, quando se descobriu que a misteriosa força que pusera fim no conflito, ou seja, a radioatividade, podia ser direcionada para fins pacíficos.